

O TRABALHO LÚDICO COM FIGURAS DE LINGUAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Giovanna Rocha (UEL)

Isabela Biazini Ribeiro (UEL)

Mariana Barroso Maroca (UEL)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre a experiência no estágio curricular obrigatório do curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, realizado no ensino fundamental II, como etapa importante na formação do aluno de graduação em licenciatura. Tomaremos por base as postulações teóricas dirigidas ao ensino feitas por Freire (1996) e Travaglia (2000) para a aplicação das matérias propostas. Para este trabalho, relataremos a experiência com as figuras de linguagens, em especial, a catacrese, tema aplicado em salas do nono ano. Para esse tema, apostamos em atividades lúdicas para enfatizar o caráter conotativo e para envolver os alunos no assunto.

PALAVRAS-CHAVE: estágio curricular obrigatório; lúdico; catacrese.

1 Introdução

O presente artigo pretende relatar o primeiro contato com a atividade de lecionar, com as práticas pedagógicas e com o próprio funcionamento da estrutura escolar. Essa experiência proporcionou a interação entre a escola e a universidade, mostrando-nos os desafios cotidianos de aplicar as teorias e conhecimentos adquiridos na universidade no ambiente escolar, de maneira a tornar as aulas mais dinâmicas, atrativas e instigantes para os alunos.

Os trabalhos realizados foram planejados de maneira que os alunos pudessem, além de aprender com as atividades tradicionais de exercícios, divertir-se com outras atividades, as lúdicas, criadas em conjunto com as professoras, regente e supervisora, sempre com a preocupação em adequar os conteúdos à faixa etária dos alunos.

Apresentaremos a proposta de atividade lúdica que foi utilizada com os alunos de ambas as salas, alguns trabalhos entregues a nós e o resultado que foi alcançado pelas turmas, mostrando uma forma que pode facilitar o aprendizado de uma matéria que pode ser de difícil compreensão e memorização das nomenclaturas.

2 Experiência em sala de aula

O estágio foi realizado no Colégio Estadual José de Anchieta, localizado na área central da cidade de Londrina, no Paraná, em duas turmas (9°C e 9°D) do ensino fundamental II. Dividido em três etapas, o estágio foi cumprido, em sala de aula, num total de quarenta horas: dez aulas destinadas à observação do trabalho docente em sala, mais dez aulas atribuídas a contribuições participativas junto à professora regente e vinte aulas remanescentes reservadas para a regência, na qual nós preparamos planos de aula e efetuamos a regência.

As turmas se diferenciavam entre si na quantidade de alunos: o 9°C continha aproximadamente 40 alunos, enquanto o 9°D contava com aproximadamente 20 alunos. Apesar da diferença significativa do número de alunos por turma, ambas as turmas eram agitadas e um tanto dispersas. Durante o período de observação, testemunhamos o talentoso trabalho da professora regente em diversos pontos, evidenciando o domínio de sala e a tranquilidade ao explicar os conteúdos até se fazerem entendidos.

Nossa experiência foi supervisionada pela professora Cristina Simon e coordenada pela professora Josiane Bressan, ambas extremamente solícitas nos encontros destinados à orientação para a elaboração dos planos de aula. Ao total, foram elaborados três planos de aula com os seguintes tópicos: histórias em quadrinhos, figuras de linguagem/formação de palavras e orações coordenadas.

Os conteúdos foram selecionados a partir de uma estrutura trimestral feita pela professora, procurando seguir as postulações dos PCNs em relação ao (possível) conhecimento já internalizado do aluno e a lapidação do mesmo:

O estabelecimento de eixos organizadores dos conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental parte do pressuposto que a língua se realiza no uso, nas práticas sociais; que os indivíduos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles; que é importante que o indivíduo possa expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possui em situações lingüisticamente significativas, situações de uso de fato (BRASIL, 1998, p. 35).

Procuramos não levar os dados prontos para serem absorvidos. Nosso objetivo foi nortear a construção do saber dos alunos, partindo do conhecimento geral da sala. Para isso, sempre introduzíamos o material perguntando o que eles já sabiam sobre determinado assunto.

3 Recorte selecionado da experiência

Durante a nossa regência, de todas as aulas, matérias e atividades, houve um grande destaque para nós, e acreditamos que também para os alunos: a matéria “Figuras de Linguagem”, a qual consideramos de válido destaque. Ela estava no cronograma da professora regente, e assim nos foi concebida a aplicação para os alunos.

A partir dos planejamentos das aulas e das atividades, obtivemos orientações das nossas coordenadora e supervisora para a escolha de dez figuras de linguagem, para as definições de termos, as atividades e sobre como abordar essa matéria. As dez figuras de linguagem trabalhadas foram: catacrese, comparação, eufemismo, eclipse, hipérbole, metáfora, metonímia, onomatopeia, pleonasma e prosopopeia.

As figuras de linguagem são recursos de uma língua usados na fala e na escrita para torná-la mais expressiva e significativa, “O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência (...) a estruturas fráscas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa.” (CUNHA; CINTRA, p 621, 2007). Esse conteúdo é muito importante para o repertório linguístico do aluno, pois é usado no nosso dia a dia, na fala e na escrita, por meio de conversações e em textos, em vários veículos. Assim, ter o conhecimento das figuras de linguagem, o seu significado e saber o modo de aplicá-las, seja na fala ou na escrita, faz com que o aluno perceba como a linguagem é ampla e interessante:

O que seria comum em todas essas manifestações de linguagem é que elas sempre expressam algum conteúdo ou emoção - narram, descrevem, subvertem, (re)criam, argumentam, produzem sensações, etc. (BRASIL, 2017, p. 82).

Pesquisamos o tema nas Gramáticas de Cunha e Cinta (2007), Almeida (2010) e no Dicionário Houaiss (2009). Para a transposição didática, foram alterados os componentes

lexicais em função de apresentar uma linguagem mais clara, de fácil entendimento e adequada ao ensino fundamental II.

A apresentação desse conteúdo foi montada no Power Point, pois a escola possui uma sala de vídeo com computador e projetor, a qual os professores poderiam usar e à qual poderiam levar os alunos. Foram exploradas as definições das dez figuras de linguagens e posteriormente vários tipos de exemplos em frases, tirinhas, letras de música e propagandas, trazendo aquilo que está presente em nosso meio social para a escola, como também a aplicação de atividades consideradas mais “formais”, como questões de múltipla escolha.

4 Atividade proposta

Na tentativa de tirar os alunos de sua zona de conforto, começamos a introduzir atividades lúdicas. De acordo com Vygotsky (1991), o indivíduo precisa criar internamente uma zona de desenvolvimento proximal, para então desenvolver seu aprendizado estando em contato com outros indivíduos. É importante frisar que o lúdico, além de ser mais atrativo para o aluno, também proporciona uma interação que resgata as experiências sociais e contribui para uma formação unificada.

Desta forma, a proposta introduzida aos alunos consistiu no desenho de expressões provenientes da catacrese, figura caracterizada por um termo fora de sua real definição, como destacado por Almeida (2010, p. 343) “o sentido real da palavra é modificado por esquecimento, e a palavra nova contém idéia absurda se comparada ao sentido etimológico da palavra.”. Foi trabalhada com os alunos a definição da catacrese e em seguida foram feitas as atividades. Sendo assim, essa atividade foi proposta com o intuito de que desenhassem as expressões da catacrese utilizadas no dia a dia, pois:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais (BRASIL, 2017, p. 63).

A atividade de desenho foi orientada pela professora Cristina e junto a um acréscimo da professora Josiane, foi definida a figura de linguagem catacrese para a produção. Essa

atividade rendeu, positivamente, resultados expressivos e de muita criatividade. Nós levamos alguns exemplos, mas no momento de produção, os alunos ampliaram o repertório de utilização da catacrese no seu cotidiano para a criação de seus desenhos:

Figura 1 – Exemplo I



Fonte: desenho elaborado por aluno do 9º ano

Figura 2 – Exemplo II



Fonte: desenho elaborado por alunas do 9º ano

Figura 3 – Exemplo III



Fonte: desenho elaborado por aluna do 9º ano

4 Conclusão

Como postulado por Bechara (2009), a língua portuguesa é um contínuo de mudanças, assim se faz necessário moldar o senso estético do aluno. O autor propõe a exploração de novas variedades para o sentido estilístico, isto é, os efeitos de sentidos produzidos por meio da criação de enunciados. Fatores que são indispensáveis na produção escrita e oral, como também na leitura, portanto, um conhecimento imprescindível para todo o corpo discente

Acreditamos que conseguimos, ao final, aplicar de forma bem-sucedida uma metodologia capaz de abranger diversos aspectos, sem esbarrar na figura dicotômica do professor como detentor da teoria e do aluno como um simples apanhador de informações. Conforme pontua Freire (1996, p.47), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Assentimos que com esta forma de abordagem do assunto foi possível uma ótima assimilação das “Figuras de Linguagem” por parte dos alunos e um aumento do interesse na matéria, o que tornou o aprendizado descomplicado e produtivo. Aproximando as experiências com a matéria, foi possível desenvolver o conhecimento individual e coletivo e criar uma interação entre o ambiente fora da escola e o escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa** / Evanildo Bechara. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação infantil e ensino fundamental**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon editora digital, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VYGOTSKYI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.